

À Biblioteca Pública de
Braga

TRIBUNA LIVRE

9
JUNHO
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA / PALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

SENTIMO-NOS ENVERGONHADOS

É verdade. Não é para menos. Há dois anos, foi empossado na presidência da Câmara o dr. Eduardo Gonçalves. Já o tinha sido há 25 anos. A obra então realizada fora extraordinária. Daí para cá, o Concelho nada mais viu fazer, por isso a revolta surgiu de todos os lados. Era preciso um homem de acção, de prestígio e com senso, e foram buscar o visado. A seu lado, uma Câmara de invulgar categoria que substituiu outra com alguns elementos retintamente da oposição, sem prestígio e de inferior craveira intelectual.

Numa habilidade do dr. Arantes Rodrigues (sempre elel) a antiga Câmara passou a constituir a Comissão Concelhia da U. N.. A própria Distrital não conhecia os homens e confiou na indicação. Quando, porém, foi sancionada, os nomes foram divulgados, houve escândalo e ela ficou de boca aberta.

A seguir constituiu-se a Comissão Distrital. O dr. João Arantes Rodrigues, lá de Lisboa, propôs a candidatura do irmão para vogal. Moveu-se tudo, a família reivindicava essa honra. Ninguém da política ia a Lisboa que não recebesse o pedido, ninguém em Lisboa fugia ao apelo. Por cá, o dr. Manuel, metia os amigos também na luta. A maior parte eram elementos da oposição que iam ajudar o amigo de quem precisavam lá dentro.

Quando a comissão Distrital foi constituída, para consolo dos amarenses, foi-lhe prometido que a Comissão Concelhia seria remodelada, e como em Amares são os velhos de sempre que ocupam os lugares, até foi prometido que seria um novo a presidir.

Entretanto, o concelho que em 20 anos não tinha saído do zero, encontrou uma pleiade de novos, denodados e firmes nas suas ideias e no trabalho. Começou a experi-

mentar um surto de progresso, nunca sonhado e julgado impossível.

A Câmara traçou um plano: — Um terço das freguesias não eram servidas por estrada — dar-lhes-ia esse meio de comunicação; metade dos núcleos escolares não tinham escolas próprias ou as que tinham eram insuficientes — construir-lhe-ia todas as necessárias; metade do concelho não estava electrificado — fazer-lhe-ia chegar a luz a to-

dos os sítios; construir novas estradas, ruas, instalações oficiais, instar pela pavimentação das estradas Ferreiros-Caldelas e Bouro — Gerês, eis a grande tarefa.

Este plano somava muitos milhares de contos. Não temos neste momento dados seguros mas afigura-se nos que andava nos 8.000 contos.

(Continua na 6.ª página)

DIRECÇÃO DE

«Tribuna Livre»

Há meses, o Senhor Dr. António José da Costa pediu a sua substituição como director deste jornal, dados os seus inúmeros afazeres profissionais e a manifesta impossibilidade de prestar à «Tribuna Livre» uma assistência efectiva e eficiente.

Perante a pequena notícia publicada a este propósito no último número e por se verificar a persistência do Director em ser dispensado, impõe-se-nos informar que estamos a diligenciar uma substituição e que, entretanto, o Editor continuará a assegurar a publicação deste periódico.

A quem de Direito

Quando o sr. Dr. Eduardo Gonçalves assumiu a presidência da Câmara de Amares foi nomeado médico municipal, em sua substituição, o sr. Dr. José António de Sousa Fernandes. A Câmara procedeu, assim, por se tratar do único médico em condições legais e de um profissional distinto.

Pouco tempo depois, começaram a pôr o problema da substituição do dr. José Fernandes por ser elemento da oposição. A exigência repetiu-se, insistentemente, dando motivo a que o sr. Presidente da Câmara se desgostasse, ele que vem desempenhando o lugar com inexcusável apuro, muita dedicação e critério realizador como ninguém até hoje.

Ora a verdade, é que o dr. José Fernandes é um chefe de família exemplar, um católico militante e um homem de bem muito considerado, que ao actual e ao anterior presidente da Câmara deu a mais leal e franca colaboração, como munícipe e conselheiro municipal.

Militou, de facto, na oposição, tomou parte em actos políticos, foi claramente contra o Regime, mas com a moderação que anima os seus princípios e a sua maneira de ser.

Há anos o dr. José Fernandes abandonou a política. Passou a não tomar parte em qualquer acto e a não mais

se pronunciar. Amigo do Concelho, presidindo até a uma Comissão que está a construir uma estrada municipal, para a qual já adiantou dezenas de contos, passou a colaborar com a administração, como atrás se refere.

O decantado caso da Misericórdia, em que o dr. José Fernandes tomou posição ao lado dos que perante o Concelho representam a certeza de trabalho e acção fizeram com que os irmãos Arantes lhe deitassem a excomunhão.

Os drs. Manuel e João

(Continua na 6.ª página)

Pavimentação da estrada

Bouro - Caniçada

O Concelho está de parabéns mais uma vez. As obras seguem-se num ritmo que já nada causa surpresa. No dia 19 vai a concurso a empreitada de pavimentação da estrada Bouro-Caniçada com a base de licitação de 2.780 contos.

O Município várias vezes diligenciou por esta realização sendo justo salientar que na sua brevidade muito se deve ao sr. Director Eng. Amorim, um amigo deste concelho.

DESPACHO DO SENHOR MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

Num processo de obras, Sua Exa. o Senhor Ministro das Obras Públicas exarou um despacho, em que aprecia a acção do Município, desta maneira:

«Acontece, porém, que a administração municipal mudou entretanto e parece que nitidamente para melhor!»

Depois de outras considerações:

«a sua dedicação ao progresso do seu concelho que até aqui não tem sido administrado com felicidade»

Tem razão, Senhor Ministro. Nunca o Concelho conheceu gente tão esforçada e escrupulosa. Pois são aqueles que não administraram com felicidade que agora, na idade da senilidade, querem voltar a afundar o Concelho.

V. Exa. tinha razão ao dizer que em Amares tudo estava feito pois não lhe pediam participações. Em 10 anos, 7 contos;

Agora, em 2 anos, obras de muitos milhares de contos.

POR QUEM, PORQUÊ E PARA QUÊ?

Li no último número de «Tribuna Livre» que a Comissão da U. N. deste Concelho, apresentou, a quem de direito, a sugestão para que fosse substituído o actual Presidente da Câmara, Dr. Eduardo Gonçalves. Surpreendeu-me a notícia e exclamei com toda a indignação da minha alma: **POR QUEM** Deus nos manda avisar!!!.

E PORQUÊ tal substituição? Porque o actual Presidente é pessoa honesta e empreendedora e ao concelho tem dado o melhor do seu esforço e da sua vida?

Porque nos anos 1930/1938, realizou uma obra que os seus antecessores jamais foram capazes de realizar? Porque de Maio de 1960 a Maio do ano em curso, repetiu igual façanha que a todos os municípios isentos de paixão, vem causando verdadeiro assombro? Porque tem servido os interesses do Concelho baseando nos seus princípios do Estado Novo que sempre acarinhou desde o movimento do 28 de Maio?

Mas, caros leitores, a minha indignação é cada vez maior, quando, a mim mesmo, pergunto:

E PARA QUÊ tal substituição? Para a fazer recair em qualquer fantoche que apenas possa servir as paixões torpes e mesquinhas de um politiquês sem escrúpulos? Para fazer paralisar o surto de progresso que se vem verificando por toda a área do Concelho? Respondam os ilustres proponentes da Comissão Concelhia da U. N. Dessa Comissão cujos componentes em número de 5, me fazem lembrar os acompanhantes de um defunto (ou defunta) a caminho do Cemitério: Um, conduzindo a chave do ataúde, grave e circunspecto na sua característica atitude de pavão armado. Os outros pegando às borlas e obedecendo, como o primeiro, à chamada do gato-pingado, que nem sequer soube respeitar os nomes daqueles que, previamente, haviam sido designados pelos representantes do falecido (ou falecida) para fazerem parte da lista. E enquanto os bons nacionalistas, aqueles que o são de antes quebrar que torcer, assistem desolados, à passagem do enterro, o gato-pingado, que há-de servir também de coeiro, vai distribuindo sorrisos e palavras meigas àqueles que assistem, impassíveis, ao desabar de todas as ilusões. — A. A.

TRIBUNA FEMENINA

A mulher perante a vida — Culinária —

A «mulher perante a Vida», parece paradoxo mas é, na realidade, a catástrofe total da mulher na sua essência, na plenitude total dos seus sentimentos e das suas reacções.

Sou uma «mulher perante a vida». Sou independente, sinto-me só na obrigatoriedade da minha missão e sei analisar a posição da mulher até daquela — estas são raras — que se entregam por amor e, por amor, são dignas de serem mulheres.

Posso discutir esta posição com a realidade, mesmo que esta seja ferida ou revolte para muitas que não entendem esta posição por alheamento ou por nunca se terem encontrado em tal enquadramento.

Ser «Mulher perante a Vida», conservar-se mulher íntegra, com um julgamento próprio, e sentir-se tão pura como os seus próprios conceitos e, sobretudo, com a sua própria consciência, é luta difícil, mas não impossível.

Reparem num problema fundamental que afecta a sociedade de hoje:

A mulher — rapariga — chega a determinar idade com pouca ou muita cultura, poucos ou muitos «canudos» de curso, quer ser independente ou necessita dessa independência, porque tem necessidade de viver e de ajudar a casa.

Com o decorrer do tempo, no escritório, na casa comercial, na fábrica, etc., ou mesmo num encontro inesperado, ela encontra um rapaz de quem gosta.

Isto é vulgar. Namorem-se, é vulgaríssimo; casar é a lei natural.

Pois bem. Casaram. Ela ganha mil e quinhentos escudos, ele ganha um ordenado equivalente. Os dois ordenados juntos perfazem uma

totalidade que chega para suportar as despesas da casa.

Foi um dia feliz o dia do casamento, fizeram-se trinta mil projectos e tudo parece cor de rosa...

... Um andarsinho amoroso... os pais de ambos os lados contribuíram... cortinas e mobiliário gracioso mercearia para um mês...

... Mas os meses decorrem, ela sente-se mãe, com todas as indisposições próprias do estado... ele procura os amigos no café e deixa-a sózinha, entregue aos trabalhos caseiros que são múltiplos e o tempo é escasso... sai às seis ou sete do escritório...

Os colegas começam a notar que ela está pálida; emagrecida. Isto num dia... outro dia. Todos notam a nuvem de tristeza e desilusão que a vai tomando toda, só o marido é que nada vê e, como nada vê, nada diz.

A atenção de determinado chefe ou colega começa a ser atenção total na vida daquela vida. De início ela quer olhar-se a essa força, mas acaba por deixar-se amarrar por semelhante cordel. Aqui é que está a catástrofe, a ruína dum lar.

O inevitável dá-se. Foi amor?... foi?... Nem uma coisa nem outra. Foi ânsia do carinho, de protecção que levou aquela mulher a tropeçar e, quando acorda, já tropeçou, nada há a fazer. A coisa succedeu naturalmente, mercê da força das circunstâncias. Depois surge outros fracassos e ela tenta libertar-se das ondas que fazem redemoinho, tentam afogá-la... E se perde o emprego? Às vezes, por vingança, até isso sucede...

Isto é que se pode chamar ruína total, originada pela liberdade e exigência da vida actual. Muitas não querem ouvir esta verdade, ou porque

estão metidas nela ou porque a não conhecem e, portanto, não a admitem.

Na actualidade mistura-se tudo; amor... exigências... necessidades... etc., são misturas a mais.

Saber distinguir é uma ciência, não de escola, nem de universidade. A auscultação é necessária, a auscultação a nós próprias, a auscultação aos factores sociais, a auscultação deste e daquele caso que conhecemos, julgando os prós e os contras. Este é que é um curso em que poucas na actualidade estão formadas.

Sou mulher, muito mulher mesmo, não sei o significado dos espectáculos de «Steep-Tease», tanto que ainda outro dia perguntei o que queria dizer... mas o que sei é julgar os outros e o momento actual que tão difícil é para a mulher que dentro, do lar, constrói e edifica a família e não anda com tantos olhos à espreita a seguir-lhe o contorno das ancos e a atracção do olhar.

Parece que isto constitui um problema da época. Faço duas perguntas que as leitoras poderão responder:

— Será problema da época por necessidade ou por comodidade?

— Será problema da época ou da parca mentalidade, vítima da evolução da sociedade?

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga no Quiosque Central Largo do Barão de São Martinho

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

JORNAL FEMININO

A revista portuguesa de maior expansão
Leia e Compre e assine esta revista

DE 15 EM 15 DIAS

Tenha Jornal Feminino no seu lar.

Redacção, administração e publicidade:

R. D. João IV — 904 Telef. 30796 — PORTO

Uma revista feminina que todos gostam de ler

Salada de Frutos com Merengue

Cortam-se bananas em rodelas, laranjas em quartos, maçãs em bocadinhos e todos os outros frutos que se quizerem.

Dispõe-se tudo numa saladeira de vidro alternado com camadas de açúcar e vinho do Porto. Guarnece-se, por fim, com montinhos de merengue.

O merengue faz-se batendo claras de ovos em castelo, juntando-se-lhe depois, pouco a pouco, açúcar branco, refinado, até adoçar devidamente, e umas gotas de essência de baunilha para aromatizar.

«Canelones» com queijo parmesão

Para 4 pessoas: 12 canelones — 300 grs. de requeijão, 150 grs. de acelgas verdes um ovo, sal, pimenta, um pouquinho de noz moscadas e 50 grs. de manteiga.

Coze-se as acelgas e cortam-se bem finas, incorporam-se o requeijão, um pouco de queijo parmesão ralado, um ovo, sal, pimenta e noz moscada.

Mistura-se tudo muito bem, para que o recheio, fique homogêneo. Tomam-se em seguida os canelones e recheiam-se com a mistura, colocando um pouco de farinha nas extremidades para que o recheio não se derrame. Coloque um canelone de cada vez com cuidado numa panela de água a ferver, à qual se deitou sal, revolvendo-os lentamente, por espaço de 20 minutos. Retiram-se da água com cuidado e põem-se a escorrer sobre um pano bem limpo. Colocam-se em seguida num prato de ir ao forno, previamente untado com manteiga, pondo ainda de espaço a espaço pequenos padacinhos de manteiga, polvilhando tudo com queijo parmesão ralado. Levar a forno moderado durante 15 minutos.

Lacinhos de massa com ervilhas

Frite algumas rodelas de cebola em manteiga, junte ervilhas bem tenras, pedacinhos de presunto partido aos quadrados, sal, pimenta e uns raminhos de salsa picada. Adicione-se um pouco de caldo, para que as ervilhas fiquem bem cozidas. Cozinhar à parte 500 grs. de massa de lacinhos (para seis pessoas) e temperar com cuidado, juntando depois de cozidos, bastante queijo parmesão ralado. Tenha cuidado em servir este prato bem quente.

Barquinhos

Cozem-se ovos e depois de frios partem-se no sentido do comprimento. Extraem-se as gemas, as quais se esmagam e misturam com nata fresca e camarões cozidos e descascados; tempera-se com sumo de limão, pimenta e salsa picada e enchem-se os burcos (as claras cozidas) com esta pasta. Polvilham-se bem com queijo parmesão ralado, põem-se numa travessa untada com manteiga e levam-se ao forno a alourar. Desfazem-se em bocadinhos algumas postas de peixe cozido, sem peles nem espinhas.

A hora de servir colocam-se os bocados de peixe numa travessa, cobrem-se completamente com molho holandês e dispõem-se por cima os barquinhos. Em cada um deite-se um par de ramos de massa, ou, simplesmente palitos. De volta da travessa dispõe-se uma camada de espinafres ou de esparregado.

Carapaus Algarvios

Limpam-se os carapaus e salgam-se, deixando-os assar para o dia seguinte.

Cozem-se, então, os carapaus juntamente com batatas. A parte faz-se um molho com água de cozer o peixe, qual se junta azeite, vinagre, cebola picada, salsa, e um dente de alho esmagado.

Na travessa de ir à mesa dispõem-se as batatas cortadas às rodas e por cima das batatas os carapaus, regando tudo com o molho preparado.

Bolos de maçã

Prepare uma massa com colheres de farinha desfeita em leite quente, dois ovos, sal e açúcar.

Descasque duas ou três maçãs corte-as em rodelas muito finas que barrará, uma por uma, com a massa preparada. Frite-as em manteiga derretida, bem quente.

Visado pela censura



Bordado

Este motivo (de frutas bordados a cores com filoseia Ancora, serve para os «napperons» da cojinha. Apresente o seu trabalho no concurso patrocinado por «Jornal Feminino» que poderá ganhar 2.000 escudos.

TRIBUNA do CONCELHO

O Grande Hotel de Caldelas

Foi inaugurada a época terminal de 1962, neste Hotel, profundamente beneficiado em obras de vulto, tomando-o mais atraente e agradável, para que os seus hóspedes possam sentir o conforto e bem estar, próprios das estâncias de tratamento e repouso. Para o efeito, reuniram-se em opíparo banquete numerosos convidados que a nova Sociedade proprietária e exploradora amavelmente ofereceu no passado sábado dia dois do mês corrente, assinalando a data festiva.

Presidiu ao resposto o Sr. Comendador António Santos da Cunha que dava a direita ao Senhor Comandante do Regimento de Infantaria n.º 8, Sr. Coronel Joaquim Cordeiro, Dr.ª D.ª Ana Maria, professora liceal e Dr. Ilidio Paiva; e à esquerda o Sr. Comandante da G.N.R. de Braga, Capitão Afonso Leite, Senhora do Coronel Joaquim Cordeiro e Dr. António José da Costa, Vice-Presidente da Câmara de Amaras, que também representava o Sr. D. Eduardo Gonçalves. Em lugares de honra vimos ainda os Srs. Comandantes da P.S.P. Cap. Cunha Ribeiro, Cap. Octávio Costa, em representação do Comando Militar, Dr. Pestana da Silva, delegado distrital de Saúde, P.º Albino Fernandes Alves, Dr. João B. de Sousa Fernandes, Asdrúbal Oliveira, D. Castro Meireles que também representava o Sr. Presidente da Câmara de Braga, Dr. Ortigão de Oliveira, Dr. Fernando Ferreira, Dr. Tatroso Gomes, Dr. António Moreira, P.º Dr. Eurico de Azevedo, António Russel e muitas outras individualidades de Vila Verde e Terras de Bouro.

Aos brindes usou da palavra, em primeiro lugar, o Sr. Dr. Ilidio Paiva. Não foram apenas razões de ordem comercial que trouxe até Caldelas um grupo de novos, perfeitamente integrados na exploração da indústria hoteleira. Foi a própria gente e a beleza da estância que os levaram a investir ali, os seus Capitais. Tudo faziam para que o progresso da terra se acentuasse em ritmo crescente. Teve ainda palavras carinhosas para com todos os hóspedes daquele dia que ficará a contar no número dos seus amigos. Falaram ainda os Srs. Comendador Santos da Cunha e Dr. António Costa, que se referiram às belezas típicas daquela estância, à sua etnografia e folclore e à necessidade de valorizar aquelas terras, desenvolvendo o seu turismo.

O Dr. António Costa, recordando os panoramas deslumbrantes que embevecido, qualquer turista ainda que muito exigente, pode contemplar no Bom Jesus, no Gerês ou ali junto a

Caldelas do montado de S. Pedro. Depois é o Dr. Eurico que sente a alegria própria dum filho daquela terra, cujas qualidades hospitaleiras põe em destaque. O Sr. Agostinho Pimenta daquela Sociedade Hoteleira, felicita também os convidados e diz que vai servir a sua terra com toda a inteligência e coração.

Finalmente em representação da Imprensa falou o jornalista Sr. Jerónimo de Castro.

Em palavras românticas, e fluente como sempre, teceu um hino de louvor às belezas naturais daquela estância que se casam harmoniosamente com o sossego e a paz.

Com fina ironia, alude aos grandes responsáveis que passam em frenesi nesses lugares tão aprasíveis, desconhecendo as imensas riquezas que continuam ocultas ao turismo e faz um apelo no sentido de que as belezas do nosso minho, se tornem conhecidas em toda a parte.

Assim terminou a festa de sábado. Por nós, agradecemos a honra do convite, oferecidas à Ex.ªma Direcção os nossos préstimos e fazemos votos ardorosos no sentido de que a dinâmica Sociedade veja no decurso de longos anos, sempre coroada de melhor êxito a actividade agora encetada.

Parabéns ao Sr. Dr. Ilidio Paiva e muitas felicitações para todos os seus consócios. -C.

GOÃES

Nova Escola

Por informações colhidas, foi aprovado o terreno para o novo Edifício Escolar nesta freguesia, Goães vai ter mais duas salas Escolares que bem merece para comportar todas as criancinhas.

Ninguém faltará com necessário para o levantamento desta grande obra.

Grande Festividade

No passado dia 3 do corrente, decorreram com brilhantismo nesta freguesia a tradicional festa em honra do Glorioso Santo António e Santa Luzia como á muito não há memória.

Está de parabéns o Rev. do Pároco P.º Amândio da Silva Campos e todos aquêles que compunham a Comissão de Festas, bem assim todos os que contribuíram com o seu sacrifício ou ofereceram o seu óbolo.

No sábado, houve grande concorrência de confissão.

À noite a procissão de velas foi muito importante, terminando com uma grande olocução proferida pelo Rev. do Arcipreste, sobre a vida da virgem mártir Santa Luzia.

Foi encerrado o sábado com o fogo de artifício premiando o mais classificado que coube

(Continua na 4.ª página)

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Há dias o Senhor Alfredo António da Cunha teve um desastre de viação em Bougado Santo Tirso, quando, na qualidade de ajudante, viajava num carro que transportava bastantes cascos de vinho.

Por causa de uma avaria na direcção o dito carro foi contra uma elevação de terreno e, em resultado do choque, as pipas de vinho esmagaram a cabine com os dois ocupantes. Felizmente o Senhor A. A. Cunha não teve perigo de maior e em breve, estará restabelecido. Dizem que, no dito esbarramento, sete cascos de vinho rebeberam e o precioso liquido escoou-se nas valetas.

Os donos do verdasco deviam ter ficado tristes... mas, os sequiosos, apaixonados da pinga!!

Certamente vieram-lhes as lágrimas aos olhos e a água á boca!...

Os que vão e os que vêm

Encontra-se entre nós o

Senhor António Ferreira Bastos que há bastantes anos estava na Guiné Portuguesa.

Foi há dias para Angola o Senhor Francisco Lopes Gomes que, desde há meses, se encontra cá, de visita à família.

Também partiu, nos últimos dias, para Angola o Senhor António José Gonçalves Vieira que, antes de partir, quis ter a gentileza de visitar e despedir-se deste vosso criado.

(Continua na 4.ª página)

SALVÉ 9-6-62

Passa hoje o seu aniversário natalício o sr. Paulo Rebelo Barbosa de Macedo, ilustre Director dos Leões da Modelar, actualmente se encontra na Universidade de Coimbra.

Por tão faustosa data Tribuna Livre cumprimenta o ilustre aniversariante e faz votos por uma vida longa cheia de felicidades.

Tradicional Festa a

Santo António

e Festas do Concelho em AMARES

PROGRAMA

Dia 1 a 13; Trezena em honra de Santo António.

Dia 13; Ao romper da aurora, uma salva de 21 tiros e o toque dos sinos anunciarão o início das Festas.

As 6 horas—Comunhão Geral com missa rezada e Sermão a Santo António por um distinto orador.

As 8 30 horas—Comunhão para crianças e primeira comunhão.

As 9 horas—Entrada da afamada **Banda dos B. V. de Amares.** Gigantones e Cabeçudos animarão as Festas com a sua entrada.

As 10 horas—Missa cantada Solene e a grande instrumental. Durante a tarde certame musical pela Banda local.

As 17 horas—Terço, bênção, do Santíssimo Sacramento e

As 18 horas—Magestosa Procissão incorporada de centenas de anjinhos, câro de Virgens, andores vistosamente ornamentados e muitas figuras alegóricas. Na mesma incorporar-se-ão todas as entidades civis e religiosas do concelho.

À noite as tradicionais fogueiras de Santo António com a **queima das Barricas** seguidas de uma grande **sessão de fogo de artifício.**

Durante a noite, funcionarão no Largo as barracas de caldo verde, chá e café.

Dia 14; Darão entrada novamente no Largo os **Zés Pereiras** gigantones e cabeçudos que percorrerão as principais ruas da Vila.

Durante a tarde concerto musical por um conceituado conjunto.

A noite monumental sessão de fogo preso e de artifício.

Ranchos e Tucatas do Concelho exhibir-se-ão em estrado próprio em disputa de prémios.

Dia 15; Grande Feira Franca e Concurso Pecuário para gado Bovino, Suino e Cavalari, com valiosos prémios (com reunião do Júri às 14 horas) sob o patrocínio e orientação do Concelho.

As 17 horas—Entrada dos dos novos Ranchos do Concelho com exibição até à Madrugada.

À noite—Continuação dos arraiais anteriores e uma deslumbrante sessão de fogo. Apresentação de um sensa-

Continua na 4.ª página

FALECIMENTO

D. LUÍSA JOAQUINA DE MACEDO

Em sua casa de morada, sita no Largo D. Gualdim Pais, desta Vila, faleceu no dia 1 do corrente a senhora D. Luísa Joaquina de Macedo, casada com o sr. Joaquim António da Silva, comerciante.

A falecida deixa os seguintes filhos: Paulo José da Silva, aspirante de Finanças; José Joaquim da Silva, funcionário da Alfandega do Porto; Gualberto da Silva, funcionário Corporativo; António Augusto da Silva, comerciante; Joaquim José da Silva, comerciante e Maria de Fátima da Silva.

Era irmã dos srs. José Manuel de Macedo, proprietário; António Augusto de Macedo, proprietário; João Gualberto de Macedo, comerciante, Joaquim José de Macedo, comerciante, Adelina de Macedo e Lucília de Macedo, tias dos proprietários deste semanário.

Senhora das maiores virtudes a sua morte causou a mais profunda consternação em quantos a conheceram através de uma vida operosa, cheia de bondade, elo de ligação duma família numerosa que caldeou com o seu exemplo.

O funeral realizou-se no pretérito Domingo e teve grande acompanhamento, indo o corpo a sepultar no cemitério municipal.

A família enlutada a expressão muito sentida de condolência pelo triste desenlace, acompanhando-a numa dôr que sabemos ser profunda.

Não podemos deixar de falar

Continuação da 6.ª página

mo o nosso, só à custa duma vontade férrea de servir, é possível a sua construção.

Ora, entre o labor abnegado e constante de todos os dias e a negligência ou simples desconhecimento dos problemas, é mais cómodo e fácil enveredar pelo segundo caminho.

Escolas, fontenários etc, etc, de que depende a instrução e salubridade do público, foram melhoramentos relegados para segundo plano.

Obras de assistência sem edifício próprio e durante anos consecutivos instaladas em péssimas condições... Dinheiros legados a uma instituição, sumiram-se, sem que até hoje se saiba porque artes... Ou estará o segredo entre os dois pseudo-chefes?... No fundo sempre se entenderam, ainda quando de candeias às avesas... Será por isso que um deles apanhou pancada da forte, foi escorraçado e agora coitado, se presta para todos os fretes?...

Mas a contrastar com essa indiferença que não cessamos de repetir, foi criminosa, observase que o concelho de Amares, desde há três anos a esta parte, entrou numa fase de progresso extraordinário e indelmentável, ultrapassando as mais arrojadas perspectivas.

A actual Câmara da presidência do Sr. Dr. Eduardo Gonçalves, pese embora aos

maléficos contraditores, realizou já uma obra impar, que se impõe pelo seu vulto e grandeza, correspondendo inteiramente à expectativa do povo do concelho.

Os Amarenses sérios que julgam pela objectividade, estão enleados e estupefactos com os boatos postos a circular.

Afinal, o que pretendem os pseudo-chefes com o seu nefando e maléfico derrotismo?...

Não vêm que o povo é observador, olha para as realidades e jámais toleraria a sua apatia e desleixo?...

Pretendem eles demolir mediante uma campanha sistemática de difamação e calúnia e com processos só usados na Soviécia, quem trabalha denodadamente pela sua terra?...

Enganam-se; porque o povo já conhece o seu estofo moral e as vilanias de que são capazes. Não, mil vezes não. Esse povo que foi vítima e sofreu em silêncio a estagnação de tantos anos, já o julgou; e se as vossas consciências não estão o totalmente embotadas, o que duvido, temei também os juízos de Deus!... O povo pode enganar-lo; a Deus não.

Jámais nos calaremos e estamos dispostos a escarpelizar e a pôr a nu a vossa vida inútil e prejudicial. Conhecemos as vossas ligações, sabemos quem vos dá o apoio para a vossa sanha destruidora e portanto não podemos deixar de falar.

M. P.

GOÃES

(Continuação da 3.ª página)

ao pirotécnico de Souto, Terras de Bouro.

No Domingo ao abrir da aurora grandes salvas despertaram o povo da localidade.

As 10 h. houve uma surpresa do grande cortejo de gado bovino em direcção á capelinha fazendo o marria dando uma volta com os seus animais de que êle é patrono.

Às 11,5 teve início o Santo Sacrificio da missa tomando parte como celebrante o Rev. Abade da freguesia, acolitado pelo Rev. do Abade de Seramil P. e Paulo Lourenço Rodrigues e Rev. do Abade de Dornelas, P. e Avelino dos Santos Antunes.

Turificou o Rev. do Abade de Vilela. P. e João de Deus Martins.

O cantico Municipal foi executado pela Banda de Bouro-Amares, transmitido ao publico por Altifalantes das Instalações Sonóras da Casa Sousa e Vilela, de Vilarinho, Pico de Regalados.

De tarde saiu da Igreja paroquial a procissão com os respectivos andores e vários anjos que ao chegar á Capelinha seguiu-se o Sermão do grande Taumaturgo Santo António sendo orador o Rev. do P. e Albino José Fernandes Alves Acipreste da localidade que perspicazmente traçou a vida do Santo.

Logo após aproximou-se da capela o cortejo das oferendas com a rusga local vindo do centro da freguesia a exibindo a sua dança com uma volta á capela e cruzeiro, findo a qual se procedeu á arrematação. Também o público se interessou na subida ao bacalhau que não largou o recinto.

Não houve aventureiro que o conquistasse, tendo como concorrente uma mulher que muito desperou o povo

Por fim foi ganho com uma cadria de homens da freguesia: O chafaris e bonecos também apareceram na sua devida altura.

A G. N. R. prestou os seus serviços acompanhado pelo seu brioso comandante.

O Público ficou satisfeito e esperam continuar a sua tradição.

Sorteio

Por falta de tempo não se realizou o sorteio do Brinde para a aludida Festa que terá o seu lugar querendo Deus amanhã dia 10 do corrente após os actos do culto da tarde.

Constam quatro prémio. Os contemplados serão avisados logo após o sorteio.

Haverá grande cortejo a acompanhar os prémios com a rusga de Goães encerrando todo o serviço com mais um celebre bacalhau para ser ganho pelos curiosos da assistência local.

Também será sorteado o brinde da Festa de S. Lourenço e N. Senhor do Livramento do ano tranzato no mesmo local visto se não ter realizado no devido tempo.

Que Santo António e todos estes santos intrededam por nós junto de Deus.—C.

Tradicionais Festas a Santo António

Continuação da 3.ª página

cional número surpresa, semelhante aos já afamadíssimos dos anos anteriores.

Dia 16; As 10 horas—Entrada de uma afamada Banda de música que dará concerto até à madrugada.

Funcionamento de pista, carrocéis, poço da morte e helicópteros e Serviço de chá,

As 14 horas—Entrada de dois afamadíssimos conjuntos musicais!

BANDA MARCIAL VISCONDE DE SALREU (Aveiro)

BANDA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE AMARES

Durante a tarde e à noite, certames musicais entre as referidas Bandas que se pro-



CARTA DE LAGO

Continuação da 3.ª página

Festa do Senhor da Saúde

Realiza-se no próximo dia 15 de Julho a festa já tradicional de N. S. da Saúde e constará de novena missa solene, sermão e procissão solene com muitos andores, lindamente ornamentados, e grande variedade de figuras bíblicas. Várias pessoas manifestaram-me o seu aborrecimento por a procissão levar figuras demasiado pequenas, obrigando os pais ou as mães, a ir com elas pela mão, e a chorar... Destas pessoas algumas são filhos de Lago. Outras, porém, nunca foram de Lago, mas gostam de vir, todos os anos, admirar a beleza dos andores e das figuras, bem como as ornamentações e habilidades das músicas e do bazar... Julgo que estas observações dos forasteiros são dignas de ponderação. De facto, não têm graça nenhuma irem homens ou mulheres, sem uniforme, no meio das figuras e dos andores. São uns figurões ou figuronas que, para darem nas vistas, tiram metade do brilho á procissão e causam nojo.

Falta de educação

Educar é formar a inteli-

gência e a vontade ao mesmo tempo, e no mesmo sentido, de modo que os homens saibam o que devem querer e fazer e realmente o, queiram e façam.

Passando hoje por Braga vi dois meninos, talvez de cinco anos, que passeavam pela mão de pessoa responsável, por cada um deles. Um vendo a criada distraída, passou uma rasteira ao outro, que seguiu viagem pela mão da mãe, e fê-lo estatelar-se no passeio e fazer sangue numa das perna. As duas responsáveis censuraram asperamente o menino agressor que procurou logo negar, mas, inutilmente. Tinha sido ele!

Impressionou-me a unanimidade das duas educadoras porque um dos maiores males da educação actual é precisamente a falta dessa unanimidade, até mesmo no pai e na mãe, o que é de todo censurável. Certos pais também não atoleram que lhes toquem nos filhos, nem lhes acusem, se procedem mal. Aí daquele que tiver esse atrevimento! Toda a roupa suja, real ou imaginada, vem logo para a luz do sol! Estes pais vêm depois queixar-se de que os filhos são desobediente, cábulas, perdulários...

É tudo, por hoje, amigos.

Vosso J. Moreira

café e caldo verde por barracas aí instaladas.

As 15 horas—Entrada de dois **Ranchos Folclóricos** de grande categoria, que em estrado instalado no Largo exibir-se-ão até de madrugada.

As 22 horas—Em recinto fechado **GRANDE ARRAIAL MINHOTO**.

Dia 17—**As 9 horas** Entrada de uma Banda de Música.

As 10 horas—**Prova de Ciclismo para «Populares»** em circuito no total de 60 Km.

longarão até às duas horas da madrugada encerrando os grandes festejos a S. to António.

Duas monumentais sessões de fogo de artifício

Nestes dias haverá carreiras eventuais entre: Braga, Bousro, Caldelas, Gerês, Monsa Vila Verde, Adaúfe, Entre-Pontes, etc.

Ornamentações a cargo da firma Faria, (Filho) de Barcelos. Fogo de artifício pirotécnicos do Alto-Minho

José Gil de Macedo

CASA FUNDADA EM 1912

TECIDOS ♦ MALHAS ♦ LANÍFÍCIOS ♦ LÃS ♦ CALÇADO E MALAS

Agente das afamadas Máquinas de Tricotar «Turmix»

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

202, Largo Dr. Oliveira Salazar, 209

TELEFONE 62176

FEIRA NOVA

AMARES

TRIBUNA DE TERRAS DE DOURO

S. Paio de Seramil

no sabado do Paschoello, e outra nas Ladainhas, e outra no prim.ro sabado de Ag.to em cada hua dellas he uzo, dare ao d.to Parocho hu vintem de pão e v.o necessario e cousa de prato de peixe ou ovos concertados, e nas mais procissois vai o Parocho acompanhar os fregueses sem elles sere obrigados a lhe dare nada, e declararão q. as missas destas romarias são pertença dos fregueses em lugar das missas dos sabados de q. os fregueses pagão a igr.a do acamp.to de q. atrás se fez menção e os d.tos fregueses são obrigados a dar cera p.a estas missas.

E todos estes capitulos é uzos e custumes leo elle Reverendo Parocho e declarou a seus fregueses de q. todos aprovarão e disserão era verdade, de que assinarão os presentes como forão P.o Martins do orjal e Martinho de Sousa de outeiro de villa e Ant.o Franc.co do mesmo e gerald da Silva do orjal e m.el Gonç.ves de Curugeira e D.gos dias do Real e Bento da Silva de Ceramil e Mathews de freitas de Ceramil.

(Não têm data, mas são m.to antigos estes usos e costumes). Seguem-se as assinaturas verificando-se que todos assinaram *de cruz*, por não saberem escrever.

* * *

Vai agora um extracto do seguinte teor:

«Aos catorze dias do mes de Setembro do anno de mil e setecentos, e trinta e nove annos: no cabbido da Igr.ª desta freg.a de S. Paio de Seramil; estando presentes aonde vieram Caetano de Freitas juiz do Subsino, e D.gos João proc.or, e Francisco Dias do Rego Prioste, como também os seis homens dos fallas; a saber Franc.co Dias do Assento, João Antunes de Seramil, Manuel Gls. e Franc.co da Silva do lugar de Cruja, e Franc.co Miz.do Orjal, Raphael de Pinheiro de Rial, e a maior p.e dos moradores da freg.a.

E pellos sobred.os foi dito, que por quanto tinham determinado colocar o S.mo Sacramento por modo de viático nesta sobred.ta Igr.a, de que já fizeram escriptura e obrigaçam p.a a fabrica do azeite da lampeda; detriminaram, e acordaram em presença do Rev.do Miguel Borges P.ra Abbade desta Igr.a q. p.a ajude da d.ta fabrica, e azeite da lampeda queriam fosse aplicado todo o din.ro que rendem as Promessas que se fazem por virtude das coais se fazem seis rezadas coada anno as coais rezadas se continuaram sempre como de costume, e se observará tudo na forma que athe agora se costumou, som.te o din.ro das ditas promessas, e mandas se não gastará em outra couza, nem revertará mais que p.a o Azeite da d.ta lampeda; na cobrança do coal se observara tudo como the agora se observou; e pello Rev.do Abb.e foy dito que dos jantares que lhe davam pellas Romarias disistia, antes queria que ficasse deles esmola p.a o S.mo Sacramento, outro sim, acordaram que haveria som.te hua confraria que será a do Nome de Deos; e os mesmos officiaes della serviriam da Snr.a do Rosario, e do S.S. Sacramento, e as contas e cobrança se faram pella forma seguinte = O Procurador da freg.a fara a cobrança de todos os Rend.tos e esmolas do SS.mo S.to por não ter outro encargo de cobrança alguma; e será m.to Zeloso em pedir e procurar devotos que o ajudem a cobrança e a tirar as esmollas que derem os devotos do S.mo S.to; e as terá bem custodidas e goardadas sendo couzas de fruto, e nada será vendido, nem arematado senam pella forma que the agora se custuma; e o Mordomo da Igr.a receberá as esmollas de Azeite que se trouxerem a Igr.a e as que lhe der o Procurador acima dito, e encherá a almotolia sendo necessario p.a se lançar na lampeda; e o demais o terá bem goardado e fechado da sua mam = E p.a a S.ra do Rosario se fará embeçam de hum Procurador quoad se fizer a emleçam do nome de Deos, digo, dos officiaes do nome de Deos, e este terá a obrigaçam que the agora tinham os dois Mordomos; som.te não pagará os dous testões que the agora pagavam os Mordomos, que por ter mais trabalho ficará livre dessa obrigaçam; e sempre á Snr.a se lhe fará a sua festa no seu dia como the agora se costumou; e o juiz da Igr.a fará fazer a d.ta festa e dará a esmola aos Padres e depois em despeza, e os sobred.tos dous Procuradores faram coada hum anno o seu Rol em que declaram todas as esmolas e rendim.tos que tiverem, e teram cuydado de fazer as cobranças a tempo e quando não tempo p.a se vender os frutos os entregaram aos novos Procuradores; e o juiz da Igr.a e seus officiaes seram obrigados a dar toda a cera tanto p.a acompanhar os defuntos como também as coatro vellas p.a arder em caza, como também p.a as missas

(Continua no próximo número)

XVIII A INDIA PORTUGUESA

Continuação do número anterior

O capitão, apavorado de medo, mandou proceder a buscas por toda a cidade e à prisão dos fugitivos e relativamente, em pouco tempo, apresentou para cima de um cento de homens ao Vice-Rei que reeditou, com todo o cortejo de horrores, a mesma cena de sangue e de fogo, de que tinha sido teatro o porto de Diu.

Com essa abominável vingança terminou o governo do primeiro Vice-Rei da India.

D. Francisco de Almeida, logo que regressou a Cochim, pôs tudo em ordem para a transmissão de poderes ao novo Vice-Rei, que foi Afonso de Albuquerque.

Depois de expirar o período do seu mandato governativo e de entregar o governo ao novo Vice-Rei, aproveitou a primeira Armada que partia para o Reino e embarcou com destino a Lisboa.

A armada, por altura do Sul, de Africa, entrou em determinado porto para se abastecer de água.

Como esse serviço era assaz moroso, visto que a água era transportada de relativa distância, em barris, para a praia e dali em pequenas embarcações, para bordo.

Alguns dos homens que estavam de folga, resolveram ir a terra e embrenharam-se no mato. D. Francisco de Almeida, por sua vez, também foi a terra para desentorpecer as pernas e respirar um pouco de ar puro.

Deambulou pela povoação e depois foi admirar a paisagem que a selva lhe oferecia.

A certa altura, não muito longe de si, ouviu uma salvática algazarra e dirigiu-se a passo estugado para observar o que se passava.

Vários portugueses, pertencentes à armada, estavam a lutar desesperadamente com um numeroso grupo de selvagens.

D. Francisco de Almeida procurou defender os seus compatriotas em apuros.

Os indigenas, que andavam espalhados pelo mato, ao presentirem a luta convergiram para o local e dentro em pouco atingiam algumas centenas. D. Francisco de Almeida depressa se viu envolvido por números selvagens, e um deles desfechou uma azagaia contra ele que o trespassou, dando-lhe a morte.

Os portugueses tentaram levar o corpo ao seu antigo Vice-Rei para bordo, mas não o conseguiram porque os indigenas, cada vez em maior número, ofuserava-se a esse caridoso e carinhoso acto.

Dos portugueses que se haviam envolvido em desordem com os selvagens alguns per-

por Porfirio de Sousa

deram a vida e outros conseguiram chegar ao porto, embora bastante feridos.

Os inimigos de D. Francisco de Almeida—e quem os não tem?—com as suas torpes e malivolas intrigas, malquistaram o probo e inclito homem público com o Rei e se o grande patriota não tivesse secumbido às mãos ignaras do genio, esperava-o como recompensa dos seus altos serviços prestados na India, a prisão, como havia sucedido a Duarte Pacheco.

Mas a verdade—mais cedo ou mais tarde—vem sempre, límpida e serena, à superfície da intriga e da malquerença, como o azeite à tona da água.

É fora de dúvida e é justo destacar e por em relevo que o Governo do 1.º Vice-Rei da India, D. Francisco de Almeida foi profíquo e frutuoso.

A sua dinâmica acção governativa foi árdua e difícil, enérgica e proveitosa.

Se não tivesse tido a infelicidade de perder o único filho, D. Lourenço de Almeida, não sairia da India com as mãos ensanguentadas pela tortura das suas vítimas e que a própria dor lhe ditou.

Temos, por isso, de levar em tinha de conta para o absolver da atrocissima vingança que exerceu sobre tantos homens, que transformou em mártires, a sua condição de pai amantíssimo e que era feito do mesmo barro do comum dos mortais.

A própria história—sem paixões nem parcialidades de qualquer espécie—baseada em factos concretos, o absolveu

das fragilidades humanas e o exaltou pelos grandes e imorredoiros feitos que cometera no Oriente.

A história fezinteira justiça ao carácter e à ingridade do 1.º Vice-Rei da India, inscrevendo o seu nome, a letras de ouro nas suas páginas, como um dos primeiros obreiros que deu começo ao grande império português do Oriente e que, mais tarde, Afonso de Albuquerque ampliou e concretizou numa realidade viva e palpável.

D. Francisco de Almeida e seu filho D. Lourenço de Almeida que se esforçaram, à custa das próprias vidas, para tornarem Portugal maior nas longinquas paragens do Oriente, são dois exemplos de coragem e de patriotismo que constabância uma das mais belas lições para as gerações em constante renovação.

A dureza e firmeza com que D. Francisco de Almeida agiu no exercício das suas altas funções governativas—tendo, apenas, de condenável a crueldade com que se vingou dos matadores se podem classificá-las—justificava-se nos tempos de então, visto que os portugueses eram em número limitadíssimo em relação aos habitantes dessas portentosas terras que constituíam um verdadeiro formigueiro humano. Se os portugueses de antanho fossem para a India com o seu sentimentalismo, que é peculiar na nossa raça, facilmente seriam exterminados e absorvidos por essa heterogénia e densa população.

Os portugueses—ontem como hoje—são sempre em menor número em relação ao inimigo e, por isso, são obrigados a serem duros para vencerem e imporem os seus pontos de vista que consideram lógicos e justos!

(Continua no próximo número)



**COMPANHIA DE
SEGUROS 'DOURO',
SEGUROS EM
TODOS OS RAMOS**

FUNDADA EM 1835
Há mais dum século, na "DOURO" está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais

AMARES

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

**DIRIJA-SE À
MODELAR**

Telefone 62113

Amares

Sentimo-nos Envergonhados

(Continuação da 1.ª página)

Seria realizável em 4 anos. Pois ao fim de dois ele está relizado na sua maior parte e o total de contos vai muito além do previsto.

Só uma freguesia aguarda participação para a sua estrada e esta deve vir dentro de dois meses. As outras estão a ser construídas. Decorre a construção de várias escolas e outras já foram a concurso. Foi reforçada a linha eléctrica em mais de metade da rede já existente e instalados muitos quilómetros de linha. Só falta a participação para Bouro, mas esta só aguarda despacho, e tudo estará electrificado. Decorre a pavimentação das ruas Sá de Miranda, Martim Moniz e Largo Dr. Oliveira Salazar, além de esgotos de parte da Vila. Acabam de ser postas a concurso a pavimentação da estrada de Bouro. Estas obras somam mais de 5.000 contos.

Vejam isto num concelho em que a tal Câmara velha, hoje Comissão da U. N., em 10 anos não pediu uma participação do Estado.

Pasmem agora e por amor de Deus não condenem o Regime a não ser por acreditar em tais homens: O tal dr. Manuel conseguiu que a tal Câmara velha, agora Comissão da U. N., composta por indivíduos que não sabemos se têm a instrução primária e em que as idades são em média de 60 anos, contendo no passado os maiores e mais criminosos prejuizos ao concelho, propusesse a demissão do sr. presidente da Câmara.

Isto não é só fazer pouco de um concelho, não é só pôr a rir a Juventude que vê tal decrepitude nestes homens que entendem ser o concelho o seu, isto é indigno, vexatório, infame.

Um presidente da Câmara sério, como é o nosso, tem de desgostar-se perante isto, e dizer aos responsáveis que os aturem já que deixam as coisa sérias nas mãos de tal gente.

Confiamos, porém, por nos asseverarem que temos um chefe do Distrito sério.

Meditem no caos em que alguns querem lançar o concelho!...

DIZEM...

— Que o dr. Rodrigues não quer o funcionamento da nossa comarca para não perder de ser Juiz Municipal,

— que arranjou a que nas eleições de deputados em algumas listas todos os candidatos fossem cortados, excepto um, mesmo aqueles que são seus colegas na U. N.,

— que já anda em reuniões com os do grupo, quase todos do contra, para escolher um fantoche para a presidência;

— que o Tribunal da Auditoria não-foi no balão e já recebeu as custas que foram uns milhares de escudos;

— e que o irmão do Néné tem andado numa roda viva por causa de uns telegramas.

Leia, Assine

Publique na

«Tribuna Livre»

Auxiliai os Bombeiros

V. de Amares

A quem de Direito

(Continuação da 1.ª página)

Arantes Rodrigues, conhecidos pela protecção dada a elementos da opposição avançada, mesmo contra as autoridades e em actos e crimes comprovados, encontraram nos actos passados do dr. José Fernandes o aperitivo para a vingança.

O concelho que os vê ligados aos mais perniciosos ele-

mentos sociais, políticos, e corporativos, fica atónito com esse procedimento.

Estes e outros casos levaram a desgostar-se o maior presidente da Câmara que em qualquer tempo o concelho teve. Pior do que isso, geraram o caos nas consciências, a revolta nos espíritos, não lhes sobrevivem os princípios.

O PARADOXO

Veio, para este concelho, anos atrás, um funcionário. No pouco tempo decorrido mostrou-se um elemento activo do contra. Distribuiu votos do Delgado etc.

É público ser o autor de panfletos que continuamente saem a difamar e injuriar as autoridades civis e religiosas; não foi aceite como irmão da Santa Casa da Misericórdia por lhe não ser reconhecida idoneidade moral, agrediu o vice-presidente da Câmara no exercício das suas funções, tem pendentes dois processos e é acusado de um sem número de outros factos.

Já teve alguns processos disciplinares. Ultimamente, perante queixa mais grave, veio um inspector. Ao chegar cá, mostraram-lhe os depoimentos feitos pelos elementos da comissão da U. N. que ele classificou de alta-

mente elogiosos. Em face disto, retirou.

Ora...

Este elemento têm a protecção dos drs. Manuel e João Arantes Rodrigues e este, esquecido de tratar dos assuntos de interesse para o concelho, continuamente se bate pela sua dama, enquanto o seu irmão, cá pelas paragens, não se priva de depoimentos muito significativos.

O certo é que o telefone retiniu todas as noites da capital para cá, e o inquérito ficou a aguardar o resultado dos processos que correm contra o funcionário.

Ai se fosse um nacionalista! Para os irmãos Arantes, estes elementos servem, são protegidos, abona-se-lhes a idoneidade moral e política, embora não vá nisso o Tribunal da Auditoria.

O PENDURA

O vocábulo não se encontra no dicionário e parece ser característico duma determinada região.

Ouvi-o pela primeira vez, numa ridente Província de Portugal. Um sujeito bem falante, dizia para a roda dos amigos, que um comum amigo, fracturou um braço e a cabeça, em consequência duma queda originada por um desvio perigoso a que se juntou o desequilíbrio do «Pendura». Pouco forte em étimos, ávido de saber como sou, quis indagar do verdadeiro significado e qual a interpretação dada ao «Pendura» naquela região.

Pedi licença ao grupo que discutia animadamente as consequências do desastre; e o tal sujeito bem falante, contou que na sua terra, se chama «Pendura», ao indivíduo que utiliza meio de transporte sem pagar. Portanto, concluí sem grande esforço mental, que «Pendura» e amigo de boleias, são perfeitamente a mesma coisa.

O Tipo falava bem e deu mostras de que andava ressaltado, porque acrescentou:—A fauna dos «Penduras» é um triste fardo da vida e quase sempre dão origem a grandes aborrecimentos sobretudo, quando são dados à importância e à megalomania!...

Na minha povoação, há um deste quilate, contava:—Vai à feita de boleia e ainda lhe pagam o café... Fica na murmuração política (aquilo é que tem uma língua depravada), horas e horas seguidas e só aparece quando o sol está pres-

tes a lusquir-se, porque também aproveita o regresso!... E eu, dizia impertinente, ainda faço de Chauffeur... espero, espero, quasi até se esgotar a paciência!... Adora o jogo da bola; e se fosse possível, como antigamente, quando na bilheteira estava o Giovanni... Nesse tempo, era tudo de borla... O Giovanni é muito conhecido. Há uma certa analogia com uma palavra portuguesa que deu o nome ao Precursor...

Mas sabe, o senhor? Aquilo redundou nuns afagos sórdidos, num rebento e em escandalosa acrememente censurada!...

O Giovanni agora não vende bilhetes, cuida de copofónicos!...

Na minha terra, há um indivíduo a quem chamam pião das nicas, porque o Pendura maiúsculo tem uma habilidade rara para apanhar o pião à unha!...

Também se pendura noutros. Para a boleia, tudo serve...

Existe aqui um colega Pantominas, cangalheiro de ofício, que anda sempre numa roda viva e arranca rápido em todos os sentidos e direcções... e tudo por causa do prestígio... do tal Pendura!...

Deixei o interlocutor entregue à crítica do Pendura. Tratava-se de cousas da terra e não cheguei a perceber os trocadilhos, que mais pareciam sarilhos duma vida agitada e cheinha de complicações!...

No meu íntimo, pensei então demoradamente na triste condição em que vivem os acorrentados e disse quasi sem querer: — Pobre sociedade que

tem de aguentar os Penduras!...

E de mim, para mim, comentei — Os Penduras megalómanos, julgam ser amados e são apenas tolerados, temidos e são odiados, pensam que vivem glorificados e são apenas adulados!...

Nos anais da sua história, há sangue, ódio, tédio, desassossego e vingança e sobre as vestes dum todo fictício, descobrem-se cada dia as mais abomináveis misérias!...

Para migalhas de poder, caradas de escravidão e um servilismo inútil a alimentar no Pendura o orgulho e a ilusão do poder... Para concluir, caro leitor, permite-me tire esta moralidade: — Ninguém julgue que alicerça a sua felicidade na infelicidade dos outros.

M. P.

Condições de Assinatura

Continente

Ano 50\$00

Semestre 25\$00

Ilhas

Avião—ano 150\$00

Semestre 75\$00

Barco—ano 80\$00

Semestre 30\$00

Brasil

Avião—ano 180\$00

Semestre 90\$00

Barco—ano 80\$00

Semestre 40\$00

Estrangeiro

Avião—ano 180\$00

Semestre 90\$00

Barco—ano 80\$00

Semestre 40\$00

O médico distinto, homem de bem, católico militante, afastado da política, com bons serviços prestados ao concelho, não serve, porque foi da opposição.

Os oposicionistas activos, alcandorados nos lugares públicos de onde fazem as eleições do Delgado, com muitos processos para julgar e muitos julgados, esses servem.

Não podemos deixar de falar

Há certos políticos que embora educados nos tradicionais princípios do Cristianismo, pelas atitudes farsantes e pouco escrupulosas que tomam, constituem socialmente uma aberração, esquecendo-se que, em vida tem de prestar contas aos povos e na morte a Deus.

Esta verdade por mais dura que pareça, é absolutamente indesmentível e os factos provam a evidência, que assim tem sido no decurso dos tempos.

Ora aquilo que se verifica, infelizmente, no vasto sector da vida nacional, encontra-se igualmente e com as mais nefastas consequências nas cidades e nas vilas. O orgulho e a ambição desenfreada, levaram sempre os homens às maiores incongruências.

Vem isto à guisa de introdução sobre o assunto que pretendemos focar neste escrito.

Desde há tempos, que no concelho de Amares se vivem horas de agitação frenética que vem perturbar o labor sossegado dos seus habitantes.

Se por um lado, são os boateiros e mentirosos a lançar atoardas e trapaças, por outro, são as embusteirices — reparem os leitores no termo — de cer-

tos políticos cuja capa muito apodrecida, já não encobre desmandos, atropelos, conivências e toda a espécie de degradações.

Não é necessário grande esforço de memória para recordar o que foi a vida do concelho de Amares, nos seus múltiplos aspectos, há cerca de vinte anos atrás.

Tudo paralisado e votado ao abandono, numa época em que o Governo da Nação abria os seus cofres para auxiliar e incrementar o progresso das terras. Interessava mais a política corriqueira da nomeação dum regedor ou simples cabido de ordens para aliciar, havia mais cuidado no preenchimento dum lugar público por um apaniguado para cativar, tinha-se mais em mira um prestígio e reputação inexistente, do que a política das realizações que fala por si própria e que o povo compreende, porque vê.

A electrificação do norte do concelho, perdeu-se por incerteza por apatia, senão por conivência!... As estradas deixaram de se rasgar, porque num município de mínguados recursos co-

(Continua na 4.ª página)